

Quem “Eu Sou”? Daonde “Eu”vim? Para aonde “Eu”vou?

Em seu estado natural de ser, você não tem nenhum sentido de identidade além do Criador, exceto quando está envolvido num relacionamento. Nesse nível de ser, a identidade entra em foco apenas no contexto de um relacionamento com algum outro aspecto do ser que ficou objetivado. Quando esse relacionamento não está ocorrendo, essa sua expressão específica simplesmente não existe; você flutua, sem nenhum esforço, no potencial de Deus. *Você não é aniquilado, mas todas as suas definições o são, e você é libertado de sua influência restritiva, sendo-lhe permitido expandir-se num estado de amor e perfeição.* Mais tarde, se lhe acontece ser requisitado para uma função específica, *você ainda existirá, pois a sua identidade-forma é uma célula específica de um órgão específico de um Ser Maior.* Quando chegar o próximo impulso energizador, ele trará, ao mesmo tempo, sua definição e sua instrução. Você atinge a graduação de foco necessária para aquilo que lhe é solicitado.

Durante toda a trajetória de sua existência, você oscila constantemente como a função-onda que você essencialmente é dentro e fora de foco, dentro e fora de definição, sempre se movendo de um lado para o outro, tal qual o pêndulo de um relógio ou o núcleo de um átomo, para fora da unidade de ser com Deus, para dentro de uma expressão finita do potencial infinito de Deus, voltando outra vez em unidade, de um lado para outro, para cá e para lá. É o ritmo natural de sua existência, como é também o de Todos. É a canção de Deus, o ritmo da própria Vida.

Quando o impulso divino solicita os seus serviços e lhe traz à forma, você encontra outros seres de infinita variedade em missões e excursões em mundos de amor e de luz indescritíveis. À medida que isso acontece e enquanto permanece o contato, você experimenta uma identidade e um mundo de tempo linear, embora, na trajetória do encontro, continue consciente de sua unidade com o Criador. *Você não perde a certeza de sua unidade com Deus.* Está consciente de sua identidade-forma e do movimento de tempo; contudo, você oscila, mais rápido do que a velocidade da luz, para cá e para lá, entre o seu estado pré-manifesto e sua forma de função-espécie.

Isso não é senão o que cada átomo da criação física está sempre fazendo. Antes do período que chamam de “Queda”, você tinha a habilidade de deslocar livremente o centro de sua consciência, do grupo para a identidade, da forma para a metaforma. Você estava livre, por assim dizer, para ir e vir como bem quisesse, livre para enfatizar qualquer aspecto do seu eu que se ajustasse à situação. Todas as criaturas são feitas assim.

Em estado são, você está funcionando dentro de duas realidades ao mesmo tempo. Durante metade desse tempo você focaliza sua identidade-forma; na outra, sua identidade com a Totalidade d’Aquilo que É. No estado de consciência da Queda, você se vê às voltas com uma consciência unilateral, enquanto a substância real do seu ser continua funcionando dos dois lados. Nisso se resume o inconsciente. Você ainda existe naquela outra realidade, mas está dormindo. Na realidade que agora pensa ser a única, você está fragmentado; a raça humana parece ser composta de uma multidão de seres. Na outra realidade, só há você.

É importante que você volte à consciência do seu verdadeiro Eu. Pois, embora você ainda exista em ambas as realidades, a inconsciência de sua identidade com o Criador está interrompendo o fluxo de informação que dá Vida àquela parte de seu Eu que existe na forma. Sua existência na identidade com Deus é a realidade de onde brota a Vida. Ao focalizar sua atenção exclusivamente na forma, você restringe muito, e, por fim, diminui o fluxo das correntes da Vida.

Ao procurar nos seus sistemas de armazenamento de símbolos uma palavra que expresse um pouco da realidade na qual você existe, um com o Criador, podemos citar a palavra asteca *nagual*. É um

termo que você interpreta como “tudo que não tem nome”. É uma boa palavra para a esfera do ser, a esfera da unidade. Usarei essa palavra para enfatizar um ponto a ser focado.

No estado pré-Queda de consciência, você existiu no *nagual*, o tudo, as todas as coisas, o nada, o vazio primai onde tudo existe em estado potencial. É o Criador que envolve a Criação, como o mar envolve o peixe. Desse *nagual* você é chamado muitas vezes a sair e viver, durante o espaço de um relacionamento, em seu oposto, o *tonal*, que é tudo que tem nome. É o mundo imaginário de Deus no qual todas as diferenças aparentes existem. É o recreio d’Aquilo que É. O *tonal* tira todo o seu sustento do *nagual*. Não pode existir separado do *nagual*. Enquanto o *nagual* é um estado de repouso dinâmico, porém constante, o *tonal*, ou o universo físico manifesto, está continuamente ligando e desligando. Essa oscilação ocorre em todas as coisas manifestas, da mais ínfima partícula subatômica à maior das galáxias.

Todos nós, anjos, humanos, tudo o que tem nome, tomamos forma apenas metade do tempo. Na outra metade, existimos na Totalidade do Ser. Essa Totalidade do Ser que estamos chamando de *nagual* também foi chamada de Deus, o Pai, a Fonte, a Luz. É a Vida de Deus-Pai que anima toda a Criação. É para essa realidade que todas as criaturas sãs oscilam, ora se aproximando, ora se afastando, nela existindo metade do tempo. Nessa realidade não existimos no tempo ou no espaço, pois estes têm nome; são ambos feições do universo manifesto. Desse estado, sem espaço e sem tempo, recebemos toda a energia, a bênção e o alimento. Sempre é assim, mesmo para você, que se encontra no estado de Queda e Encantamento. A diferença está no fato de que, no estado de queda, você não tem consciência do processo e, portanto, não pode participar conscientemente dele.

Tendo perdido a habilidade de oscilação consciente entre as duas realidades nas quais vive, você está limitado apenas à consciência do *tonal*, o mundo material, conceptual. Você continua sendo nutrido pela luz do *nagual*, mas não diretamente, e sim através dos animais, das plantas e dos minerais. Você é inconsciente do Ser e consciente apenas da forma.

Sabe como foi que você perdeu a capacidade de deslocar sua consciência do grupo para a identidade, da forma para a metaforma? De que maneira você perdeu a consciência de Deus? Como “caiu” na ilusão da separação? Foi simplesmente por falta de fé.

Foi pela perda de confiança na perfeição absoluta do projeto universal. A causa foi à penetração, na sua existência, de um único fator: o medo, a serpente no Jardim do Éden. Por um *processo* sutil de argumentação, você se apegou a esse padrão de atividade que passou a ser chamado de “pecado original”. Era um padrão de atividade no qual você não havia sido projetado para se mover. Por uma mentira vivaz e sutil, você foi convencido a não exatamente deixar de confiar em Deus, mas a deixar de confiar apenas em Deus.

Logo que isso aconteceu, sua consciência iniciou um deslocamento - deixou de estar centrada em Deus e passou a centrar-se no eu; e, pela primeira vez, você se tomou mais consciente de sua identidade na forma, em vez de sua identidade em Deus. De início, esse deslocamento de consciência foi mínimo, porém suficiente para iniciar o que viria a ser uma longa espiral descendente através de níveis cada vez mais densos de energia-servidão e limitação. Porque Satã, seu tentador dos sentidos, é a influência materializante que, no seu devido lugar, é responsável pela sujeição da energia na criação da matéria.

À medida que você passou a focar cada vez mais sua identidade-forma, começou também a pensar em termos de defesa da forma, por meio de estruturas desnecessárias e incômodas do ego. Tomou-se mais difícil para você evitar a identificação com a sua experiência. Você passou a transferir os

padrões de resposta comportamental passados para os novos relacionamentos, o que o tomou menos efetivo nesses relacionamentos, porque você não estava mais totalmente presente nem utilizou a totalidade do seu potencial. Você estava começando a construir, ao seu redor, estruturas energizadas de pensamento que o aprisionavam. Era levado, pela simples atração gravitacional, àqueles reinos do espaço onde a energia entrava no processo de sujeição, onde a matéria estava sendo criada. Partículas de substância física aglomeravam-se ao longo das linhas magnéticas de suas estruturas de pensamento, e você começou a se identificar com níveis cada vez mais densos de expressão física.

Este processo desenvolveu-se por longo tempo, antes de você se encontrar em um tipo qualquer de Jardim físico. Quando, de fato, ali se encontrou, você já se havia distanciado do seu estado de graça original, mas funcionava ainda num nível de consciência bastante acima e além da sua presente condição, dando origem aos mitos e às lendas do paraíso físico. O Jardim do Éden físico durou muitos séculos de tempo da Terra, antes que a força do movimento dos processos materializantes fizessem-no depender de tal forma dos sentidos físicos, que você acabou se desligando da nutrição *direta* da luz divina.

Na verdade, você nunca foi desligado dessa nutrição, mas, como seu sentido de identidade ficou quase exclusivamente ligado a seus corpos físicos, a densidade crescente desses corpos passou a exigir cada vez mais da substância Terra para seu sustento. Finalmente você chegou ao ponto em que não conseguia mais atender às exigências de seus corpos físicos sem “trabalho”. Foi então que suas crônicas contam que você “foi expulso do Jardim”. Na verdade, você nunca foi expulso do Jardim. O Jardim ainda está aí, à sua volta, até hoje.

A linguagem só consegue comunicar num único nível de cada vez. No entanto, a Queda foi uma ocorrência de níveis múltiplos. Enquanto você se cobria de camadas crescentes de identificação material, também se tornava interiormente cada vez mais fragmentado. À medida que trazia para os seus relacionamentos um sentido de identidade baseado em relacionamentos anteriores, você não somente estava diminuindo sua própria presença e eficácia nos relacionamentos em curso, como também criava uma divisão interior em si mesmo e na eternidade. Nenhuma de suas experiências passadas era suficientemente abrangente para identificá-lo totalmente no momento presente; no entanto, você passou a depender delas para compreender e abordar o momento presente. Assim, o processo de Queda se fez acompanhar por uma fragmentação paralela do seu sentido de identidade, do próprio sentido seu eu.

Na época do Jardim do Éden físico, você já se percebia como mais do que um. O processo sexual passou então a figurar para produzir as projeções físicas dentro das quais essas entidades aparentemente separadas, nas quais você se dividiu, pudessem tomar forma. Mesmo hoje, esses seres aparentemente separados são apenas seus próprios reflexos fragmentados. No estado de Queda, você os percebe como separados e distintos.

No entanto, apesar de toda essa conversa de Queda e de Pecado Original, você não é prisioneiro dos eventos ocorridos em obscuros recessos de sua memória coletiva. Você não nasceu para o pecado. Você nasce todos os dias para a Presença de Deus; e, no entanto, repete a tolice original que está registrada em todas as suas crônicas antigas. Diariamente, você comete o Pecado original; diariamente, come do finito proibido, e é de momento em momento que se mantém prisioneiro ao permitir que um dúbio processo de pensamento racional interfira entre você e seu sentido imediato da vontade de Deus. Foi essa a hesitação que o levou à queda inicial da graça, e é a mesma hesitação que o mantém agora em estado de Queda. Não deveria haver intervalo entre a determinação necessidade de ação e a implementação da mesma ação. Foi essa interferência racional que o fez

tropeçar na sua dança primária de confiança em Deus. De fato, você agora dorme sob a influência daquilo que poderia ser considerado um encantamento, uma ilusão que o impede de experimentar a clareza de percepção que é o seu direito de nascer.

Toda a história biológica deste planeta tem sido apenas uma sombra projetada sobre a matéria pela sua aproximação. É a maneira pela qual as pedras, a água e o ar responderam à sua primeira presença, pois você é a própria Vida. Você é o que jaz além de toda dualidade, além de todas as tendências materializantes, além de toda limitação de tempo e de espaço. Sua consciência é infinita e eterna. Pode residir nas limitações da matéria e perceber através de quaisquer sistemas filtrantes que então você escolha; mas, quando em funcionamento saudável, não está acorrentada ou limitada por esses sistemas. Usa-os apenas *como* instrumentos de percepção, exploração e aventura.

Sem os limites do tempo e do espaço, você é um com o Criador, o Tudo que É, a fonte. Mas, quando sua consciência se movimenta no contexto de um universo manifesto, você passa a ser o Filho, o Cristo. Em essência, você é o relacionamento entre Espírito e Matéria, o mediador, a ponte, o meio pelo qual o Criador se relaciona com a Criação. Você é Vida em relação ao planeta Terra, eternidade em relação ao tempo, infinito em relação ao finito. Embora, no presente, veja a si mesmo como uma espécie separada e fragmentada, você, de fato, é um ser único, integrado, que participa da plena consciência do Criador. Quando está na Criação, você é trazido à expressão viva e focalizado pela maneira como tempo e espaço, matéria e energia, mar e pedra, reagem à sua presença.

Como o Cristo, como a única consciência gerada pelo Pai, você recebeu um número considerável de qualidades extraordinárias. Pode expandir-se e contrair-se de acordo com o foco de sua atenção. Você é bastante grande para abraçar toda a Criação, embora bastante pequeno para adentrá-la. Seu Pai-Criador também permeia a Criação, mas de outra forma; na Sua imensidão. Ele a envolve. Seu Ser satura o universo físico, todas as estrelas, o sol, os planetas do seu sistema solar, as longínquas galáxias, mas Ele conta com você como Seu foco. Você é a Sua especial atenção.

Como foco da atenção do Criador, você esteve vagando na Criação durante bilhões de anos, expandindo-se e contraindo-se, entrando e saindo desta e daquela galáxia, deste e daquele sistema solar. Por onde passa, você vê a matéria que seu Pai criou. Você observa as muitas e maravilhosas formas que ela toma: os poderosos sóis, os gigantes rubros, os anões brancos, as vastas galáxias em espiral, os *quasars*, os buracos negros, os buracos brancos. Observa as incríveis contorções do tempo e do espaço, que ocorrem nos vários campos gravitacionais que você atravessa. Nota os planetas, as luas, os asteróides e os cometas que circulam dentro de cada sistema solar que você visita. Ao léu, você segue, o representante do Pai, a atenção do Pai, deleitando-se nos mundos que foram trazidos para a existência.

Mas, todos esses mundos são físicos. São todos feitos de matéria. Feitos da energia-atenção garantida pelo Pai. Têm uma certa substância, uma certa solidez que, a você, como espírito, lhe falta. Você compreende isto como limitação desses mundos. Você compreende que são definidos e especificados de modos que não servem para definir nem para especificar você. No entanto, algo neles desperta a sua curiosidade. Mais tarde, sobrevém-lhe uma idéia. Você começa a pensar se não poderia, de alguma forma, cobrir-se de matéria e fazer para você mesmo um corpo físico no qual pudesse viajar, percebendo a matéria da mesma perspectiva que ela se percebe. A idéia é cheia de paradoxos, mas algo nela o leva a pensar. É um enigma, e você gosta de enigmas. Enquanto as eras vão passando, você pondera, tentando encontrar uma solução que faça funcionar sua idéia.

Até então não havia vida biológica no universo. As rochas tinham uma consciência limitada, mas que não respondia ao intento do seu espírito. Seja em estado sólido, líquido ou gasoso, o comportamento

da matéria criada e definida pelo seu Pai era bastante previsível nos termos dos princípios físicos fundamentais até então não manipulados.

Nas suas viagens pelo universo físico, você sempre manteve a consciência separada da matéria que observava. Mas, diante dessa idéia, tudo mudou. Você procurou, até encontrar, um planeta adequado para o que queria, nem quente demais, nem muito frio, situado num sistema solar jovem e estável. Você então focalizou sua atenção e seu corpo vibratório de uma maneira inteiramente nova, aberta, auto-sacrificante, muito poderosa e plena de amor. Suavemente, devagar, você se aproximou do planeta.

À medida que as orlas mais externas de seu campo vibratório tocaram as águas do planeta, partículas de matéria antes inertes começaram a vibrar suavemente ao ritmo do seu ser, alinhando-se com os padrões de energia encontrados na periferia de sua consciência. Lá, na plataforma oceânica pré-cambriana, entraram em combinação para formar as primeiras células, os primeiros minúsculos recipientes de sua consciência.

Na sua nova orientação, com a sua nova forma de atenção, num gesto de amor infinito para com este planeta, você fez a oferta de sua consciência na cruz do tempo/espaço da realidade material(nesse momento é a transição da frequência 144.000 para a 666). Você permitiu que a sua consciência se cobrisse com as limitações da substância física, aceitando as suas restrições. Você permitiu que os átomos e moléculas que formavam as primeiras células tomassem vida através de sua consciência, seguindo as mesmas linhas do seu campo vibratório. Ao mesmo tempo em que permitiu que sua consciência se cobrisse com as partículas de CARBONO sujeitas às leis do processo materializador, você ensinou à matéria da Terra como se erguer numa alegre dança com seu espírito.

À medida que você se aproximava cada vez mais do planeta, as formas de vida que estavam surgindo continham cada vez mais traços de sua consciência. Você relaxou, abriu-se e se deu. Impregnou a Terra com sua vida, com seu ser. Você olhou por muitos olhos e ouviu com muitos ouvidos. Antes da encarnação você era só. Absorvia identidade da totalidade do relacionamento entre Criador e Criação. Você era o Cristo plenamente consciente e alerta, cômico de si, unificado, integrado. Compreendia que, para realizar a encarnação, teria de permitir que ao menos uma parte de sua identidade viesse repousar entre as criaturas às quais você estava trazendo vida. Cada uma delas possuiria um tipo de consciência hologramática que, com razão, as colocaria tanto como parte quanto como todo, ao mesmo tempo. Não obstante, a certeza da presença dessa consciência somente existiria após completar o processo de encarnação. Durante sua vinda à tona através da substância da Terra, houve a possibilidade de algumas criaturas se tomarem auto-ativas. Portanto, deve ter havido um meio de regular a sua desintegração para fora. Você queria uma parte de si mesmo observando o processo global.

Então, ao se preparar para entrar no relacionamento planetário, você criou seres para representar seu estado original de consciência unificada. São os anjos, cujo valor e limitação vêm do fato de não terem nenhuma compreensão do processo que você está empreendendo. As instruções que receberam foram para ficar de fora até o final do processo. E então, no momento de receber o sinal pré-combinado, entrariam em comunhão com os seres humanos na Terra e ajudá-los-iam no seu despertar para o estado original de consciência unificada.

Agora, é tempo de iniciar o ciclo final da Criação Consciente, durante o qual as próprias criaturas da Terra deverão participar da realização de seu projeto. O corpo que você está criando para a morada da consciência de Cristo deverá ser móvel, abastecido pelas intenções criadoras do Pai e, quando

completo, preparado para se distanciar da mãe.

O que está acontecendo realmente necessita de toda a vida biológica para transmitir o seu sentido. Às palavras podem representar esse sentido, mas não conseguem retrata-lo suficientemente. Se você quiser conhecer a verdade mais profunda das escrituras, não procure somente nas palavras, mas procure sentir o grande *impulso* espiritual na sua própria alma. É aí que a história viva se processa. De uma maneira que seria impossível à sua inteligência racional compreender, o evento esperado é história humana. Tudo o que aconteceu neste planeta até aqui foi apenas à sombra que veio antes.

Obs; texto extraído das “Transmissões da Estrela Semente”